

IDENTIDADE E TRABALHO: ESTUDOS SOBRE A IDENTIDADE DOS ESTIVADORES RIOGRANDINOS NO PERÍODO DE 1950.

THIAGO CEDREZ DA SILVA¹; EVERTON DA SILVA OTAZÚ²; EDGAR ÁVILA GANDRA³

¹ Universidade Federal de Pelotas/UFPel – thicedrez@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas/UFPel – everton.otazu@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas/UFPel – edgargandra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo discutir algumas questões relativas à construção identitária dos trabalhadores da estiva portuária do município do Rio Grande-RS na década de 1950. Sobretudo, a partir de aspectos relacionados ao cotidiano de trabalho desses obreiros. A escolha do recorte temporal foi feita, tendo em vista que neste período os estivadores riograndinos já possuíam um sindicato e durante esse período, conquistaram inúmeros direitos trabalhistas e melhorias nas condições de trabalho. Para este fim, será feita uma análise da memória reavivada de estivadores que vivenciaram este período, bem como da bibliografia pertinente sobre o assunto e de alguns documentos do Sindicato dos Estivadores de Rio Grande (SERG). Como por exemplo, as fichas de cadastro de seus obreiros.

Para alcançarmos nosso objetivo proposto, relacionamos a escolha de alguns conceitos-chaves com o objeto de pesquisa, tais como o de memória, identidade e cotidiano. Estes conceitos são importantes na medida em que permite pensar e compreender nosso objeto, pois os estivadores riograndinos possuíam uma forte identificação, ainda que na condição de memória do trabalho.

Sobre memória, existem inúmeras concepções, já que ela não se reduz ao simples ato de recordar. No entanto, para Maurice Halbwachs (1990), a memória pode ser um processo coletivo fruto da interação individual com os outros (o fenômeno social), possibilitando, assim, que as pessoas se lembrem de determinados fatos. Deste modo, cria-se a concepção de uma memória coletiva que abrangeria toda uma influência da cultura social na sua formação. Para Marilena Chauí (1995), “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125). Nesse sentido, a memória nos permite entender fragmentos de passado vivido por nossos agentes históricos e a partir dela dialogar com as demais fontes e com a historiografia existente sobre o assunto.

Outro conceito-chave que utilizamos a fim de qualificar o olhar para as fontes é o de identidade, por ser um conceito que vem levantando muitas questões em diversos campos das ciências humanas, tendo diferentes “entendimentos” sobre o mesmo. Optamos por apenas destacar a relação entre o conceito em tela com os demais propostos nesta pesquisa e como utilizamos na pesquisa.

Podemos entender a identidade como um caráter delimitador de si próprio, uma maneira do indivíduo se perceber como o mesmo ao longo do tempo. Desta identidade pessoal, fruto das relações sociais, passa-se para uma identidade cultural, que seria a partilha de uma essência entre diferentes indivíduos. Para Stuart Hall (2006), existe um processo de transformação, “somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual no afazendo apelos, ou

melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós) dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (HALL, 2006, p.75).

Nessa perspectiva, o “ser estivador” pode partir de uma escolha e identificação pessoal, assim como pode emergir de uma identificação coletiva, fruto de sistemas simbólicos de representação de uma classe trabalhadora. A pesquisadora Kathryn Woodward (2014), destaca a relação da identidade com a diferença, afirmando que ambos se complementam e que, por conseguinte, a identidade estaria marcada pela alteridade e neste caso, “a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas pelos quais são representadas” (SILVA, 2005, p.8). Neste sentido, os elementos que poderiam identificar um estivador no quadro social seria então sua linguagem simbólica, os afazeres profissionais ligados à arte da estiva, as suas diferenças perante os demais indivíduos obreiros do cais, elementos significativos enraizados nas relações sociais de poder construídas através do tempo. Portanto, a identidade estaria vinculada também a condições sociais e materiais.

A historiadora Isabel Bilhão (2008) contribui para nossa reflexão quando afirma que “as identidades coletivas não existem de forma isolada umas das outras”. Para entendermos a identidade que perpassa o “ser estivador”, podemos pensar também “a partir da relação, convivência ou conflito com outras identidades que interagem em sua construção, contribuindo pra uma constante e recíproca transformação e reelaboração” (BILHÃO, 2008, p. 21).

Sobre o conceito de Cotidiano, Agnes Heller (1992) faz reflexões pertinentes, no qual o indivíduo estaria imerso na cotidianidade, e “a vida cotidiana seria a vida de todo homem” (HELLER, 1992, p.17). Tendo em vista que vivemos em uma sociedade repleta de relações sociais, partimos para um ponto de vista historiográfico, no qual, para Heller, “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” (HELLER, 1992, p.20). Ou seja, a História parte da cotidianidade e a ela retorna. Salientamos a importância do estudo do cotidiano para entendermos o complexo mundo de relações sociais que compõe a vida em sua totalidade. Além disso, será através de sua análise que buscaremos entender alguns aspectos que compõem a identidade do trabalhador da estiva no seu mundo de trabalho.

2. METODOLOGIA

Como o principal conjunto de fontes dessa pesquisa constitui-se de entrevistas com trabalhadores do porto do Rio Grande, recorrer à História Oral como metodologia de pesquisa será fundamental para estabelecer a possibilidade de um diálogo crítico com nosso objeto de trabalho, sobretudo com os aspectos do cotidiano que buscamos evidenciar. Neste trabalho, optamos por fazer entrevistas temáticas de final aberto (MEIHY, 1996), que se caracterizam pelo direcionamento a um tema específico, sem limitar a dinâmica própria do entrevistado ao revisitar suas lembranças. Além disso, as entrevistas temáticas têm por característica fornecer elementos, informações, versões e interpretações sobre temas pontuais. Neste caso, sobre as relações cotidianas dos trabalhadores da estiva, foco dessa pesquisa. A historiadora Verena Alberti (1990) contribui para nossa reflexão na medida em que, ao trabalhar com a História Oral, ressalta à sua relevância metodológica, que consiste em privilegiar a realização de entrevistas com “[...] pessoas que participaram ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 1990, p. 1-2). Ou seja, compreender as visões de

quem vivenciou acontecimentos históricos é de extrema relevância, ao passo que é importante perceber e identificar, nas narrativas dos agentes entrevistados, os possíveis resquícios e influências do tempo presentes na memória trazida à tona, tendo em vista que a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. No que tange as fontes documentais acima citadas, será feita uma análise quantitativa e qualitativa destas. Isto permitirá alcançar uma compreensão estatística do perfil do obreiro da estiva bem como, poderá demonstrar aspectos da identidade obreira que buscamos compreender. Com este método analítico, poderemos relacionar e dialogar com as fontes orais e a historiografia sobre o assunto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa ainda está em andamento e até o presente momento já foram feitas duas entrevistas com estivadores que vivenciaram o período em tela. Além disso, pretende-se realizar mais três entrevistas ainda neste segundo semestre do corrente ano e concluir a análise da documentação do sindicato dos estivadores de Rio Grande, que por ventura, constituem-se em fichas de cadastro dos obreiros ligados ao sindicato nesta época, bem como de atas de assembleias realizadas neste período.

4. CONCLUSÕES

Estima-se que a presente pesquisa irá contribuir a produção historiográfica sobre os trabalhadores do Sindicato da Estiva de Rio Grande. Pois, no caso dos Portos Sulinos, existem trabalhos acadêmicos que abordam essa temática, tais como o do historiador Edgar Ávila Gandra. Através de duas pesquisas feitas em dois momentos distintos, numa investigação minuciosa, Gandra analisou o “fazer-se” dos trabalhadores portuários de capatazia durante os anos de 1959 a 1969 no Rio Grande do Sul. Na qual, em ambos os casos, seu foco foi à trajetória dos membros e líderes dos sindicatos desta categoria nos portos de Rio Grande e Porto Alegre.

Outro autor que estudou a temática portuária em Rio Grande foi Carlos Alberto de Oliveira. Sua obra trata dos trabalhadores da estiva de Rio Grande entre os anos de 1945 a 1993. Utilizando-se de suportes referenciais da História Oral e da História do Tempo Presente, Oliveira buscou entender a constituição da identidade do estivador através das relações de tradição de trabalho e cotidiano. No entanto, seu estudo não recaiu sobre a atuação política ou sindical dos trabalhadores dos porões e seu amplo recorte temporal o dificultou a fazer uma análise mais minuciosa

Diego Luis Vivian, ao discutir a indústria portuária sul-rio-grandense, tratou da formação da categoria dos vigias de embarcações nos portos de Rio Grande e Porto Alegre, nos anos de 1956 a 1964. Além de estudar a trajetória desta categoria, o autor trouxe dados importantes sobre a movimentação comercial portuária riograndina, contribuindo para entendermos a importância dos obreiros do porto para economia do sul do país.

Destacamos, ainda, a Dissertação de Mestrado “A importância do Porto de Rio Grande na economia do Rio Grande do Sul entre os anos de 1890 a 1930”, de Hugo Alberto Pereira Neves, que também abordou os aspectos econômicos do porto. Em especial, sobre o volume de mercadorias movimentadas através dos cais riograndino.

O trabalho do Sociólogo Ticiano Duarte Pedroso sobre as narrativas do cotidiano no subúrbio operário em Rio Grande, no bairro Cidade Nova, na década de 1950, também tange a questão portuária. Seu estudo contribuiu para entendermos algumas questões sobre as moradias dos obreiros e do cotidiano dos trabalhadores fabris e portuários da região riograndina.

Percebe-se, na análise acima, que ainda é limitada a produção historiográfica sobre os trabalhadores do Sindicato da Estiva de Rio Grande. Portanto, nosso estudo é importante na medida em que propõe preencher, pelo menos em parte, esta lacuna, sendo uma contribuição para a história regional do período em tela na cidade do Rio Grande, bem como sobre a história do trabalho brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898 a 1920)**. Londrina: EDUEL, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

GANDRA, Edgar Ávila. **O cais da Resistência: a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969**. Cruz Alta, UNICRUZ, 1999.

_____. **O porto dos Direitos: a trajetória do sindicato nos serviços Portuários de Porto Alegre no período de 1959 a 1969**. Porto Alegre, Ed. Universitária/ UFPel, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Paz e Terra, São Paulo, 1992.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NEVES, Hugo Alberto Pereira. **A importância do porto do Rio Grande na economia do Rio Grande do Sul (1890-1930)**. Curitiba, 1980. Dissertação (Mestrado em história do Brasil), Universidade Federal do Paraná/UFPR, 1980. (fotocopiada)

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. **Quem é do mar não enjoa: Memória e Experiência de Estivadores do Rio Grande/RS (1945- 1993)**. São Paulo, PUC, 2000.

PEDROSO, Ticiano Duarte. **Cidade Nova: narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande**. 2012. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-graduação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIVIAN, Diego Luiz. Indústria portuária sul-rio-grandense: portos, transgressões e a formação da categoria dos vigias de embarcações em Porto Alegre e Rio Grande. 2008. 345f. **Dissertação** (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.